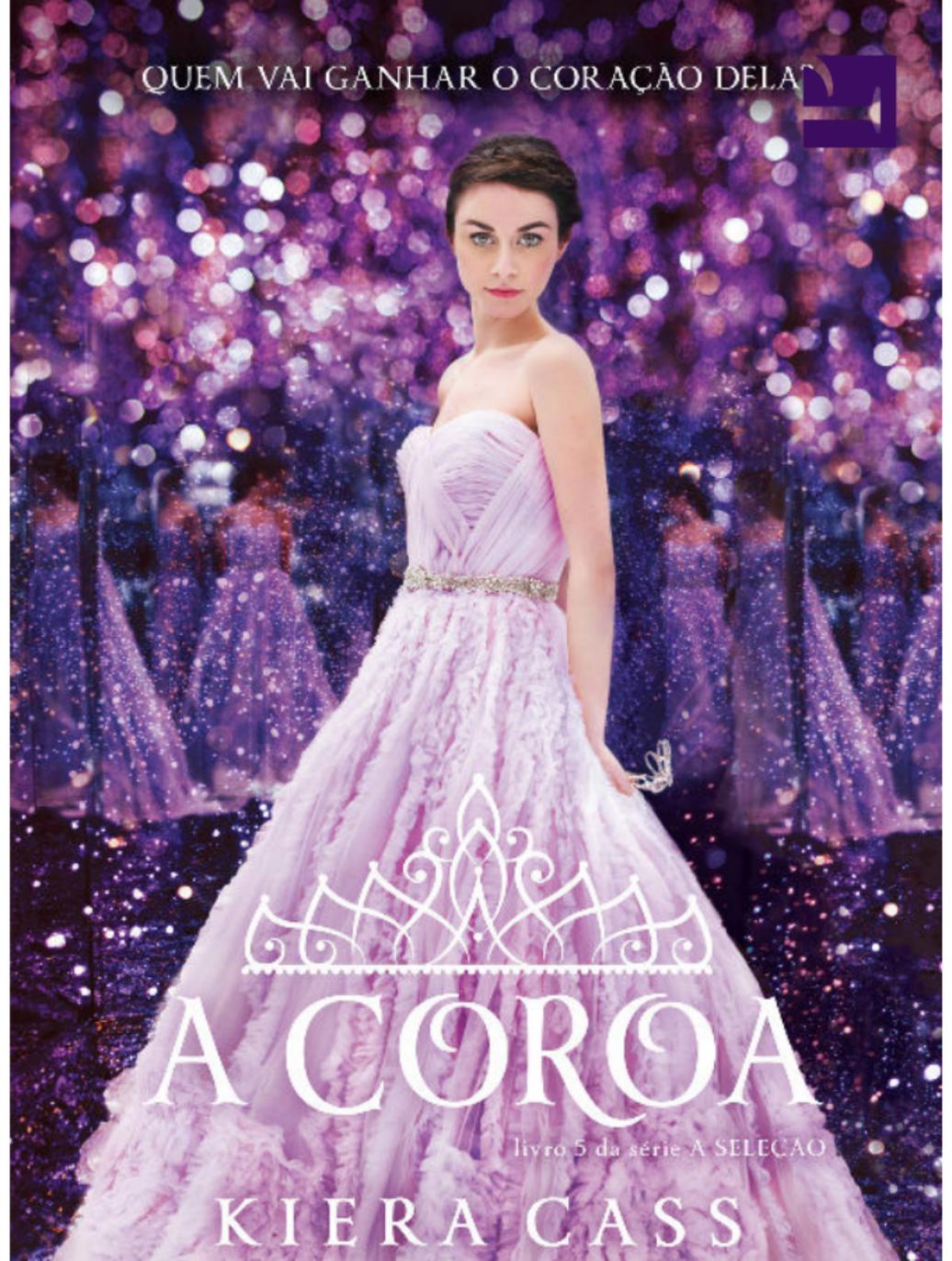


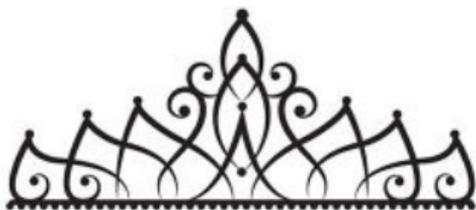
QUEM VAI GANHAR O CORAÇÃO DELA?



A COROA

livro 5 da série A SELECAO

KIERA CASS



A COROIA

livro 5 da série A SELEÇÃO

KIERA CASS

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Para Guyden e Zuzu, os melhores personagens que já criei.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavaleiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esperei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Traço notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavaleiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esprei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Trago notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavaleiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esprei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Traço notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoeiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavaleiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esperei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Traço notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoeiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavaleiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esperei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Traço notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoeiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



— SINTO MUITO — eu disse, me preparando para a repercussão inevitável.

Quando minha Seleção começou, eu já tinha imaginado que seu fim poderia ser desse jeito, com dúzias de pretendentes partindo ao mesmo tempo, muitos despreparados para o fim dos seus quinze minutos de

fama. Porém, depois das últimas semanas, depois de descobrir que muitos deles eram gentis, inteligentes e generosos, a eliminação em massa quase me partia o coração.

Eles tinham sido justos comigo, e agora eu tinha que ser muito injusta com eles. O anúncio ao vivo tornaria a eliminação oficial, e todos teriam que esperar até lá.

— Sei que é inesperado, mas dada a condição delicada da minha mãe, meu pai me pediu para assumir mais responsabilidades, e acho que a única maneira de conseguir fazer isso é diminuindo a competição.

— Como está a rainha? — Hale perguntou, engolindo em seco.

Suspirei.

— Ela está... está bem mal.

Meu pai hesitara em me deixar visitá-la, mas finalmente consegui convencê-lo. Compreendi a relutância dele assim que a vi, adormecida na cama de hospital ao lado do monitor que marcava os batimentos cardíacos. Ela tinha acabado de sair da cirurgia. Os médicos precisaram retirar uma veia de sua perna para substituir uma do peito, que havia sido obstruída.

Um dos médicos contou que chegaram a perdê-la por um instante, mas conseguiram trazê-la de volta. Sentei ao lado dela, apertando sua mão. Pode parecer bobo da minha parte, mas me esparramei na cadeira, na certeza de que isso a faria acordar para corrigir minha postura. Não funcionou.

— Mas ela está viva. E meu pai... Ele...

Raoul pôs a mão em meu ombro para me confortar.

— Tudo bem, Alteza. Nós todos entendemos.

Corri os olhos pelo cômodo, observando cada um dos meus pretendentes por um segundo, tentando gravar seus rostos na memória.

— Só para registrar, vocês me aterrorizavam — confessei. Ouvi risos no salão. — Muito obrigada por se arriscarem e por terem sido tão gentis comigo.

Um guarda entrou, limpando a garganta para anunciar sua presença.

— Perdão, Alteza. É quase hora da transmissão. A equipe gostaria de verificar, hã... — ele gesticulou sem jeito — o cabelo e coisas assim.

Fiz que sim com a cabeça.

— Obrigada. Vou num instante.

Depois que ele saiu, voltei a me concentrar nos garotos.

— Espero que me perdoem por essa despedida coletiva. Desejo a vocês toda a sorte do mundo.

Um murmúrio de despedidas ecoou à minha saída. Assim que atravessei as portas do Salão dos Homens, respirei fundo e me preparei para o que estava por vir. *Sou Eadlyn Schreave e nenhuma pessoa é tão poderosa quanto eu.*

Um silêncio perturbador se abatia sobre o palácio sem minha mãe e suas damas de companhia correndo de um lado para o outro e sem a

risada de Ahren ressoando pelos corredores. Nada te deixa mais consciente da presença de uma pessoa do que a falta dela.

Desci até o estúdio com a postura ereta.

— Alteza.

Várias pessoas me saudaram quando entrei, fazendo reverências e abrindo caminho, mas sempre evitando me olhar diretamente nos olhos. Eu não conseguia distinguir se faziam isso em solidariedade ou se já sabiam.

— Ah — eu disse depois de uma olhada rápida no espelho. — Minha pele está com um pouco de brilho. Você poderia...?

— Claro, Alteza. — Uma garota deu batidinhas precisas de pó facial em meu rosto.

Endireitei a gola alta de renda do vestido. Quando me vesti naquela manhã, o preto parecia adequado, tendo em conta o clima geral do palácio, mas eu começava a questionar aquela escolha.

— Pareço séria demais — disse em voz alta, preocupada. — Não séria e respeitável, mas séria e apreensiva. Está tudo errado.

— A senhorita está linda, Alteza — afirmou a maquiadora enquanto aplicava uma nova camada de cor nos meus lábios. — Como a sua mãe.

— Não, não estou — lamentei. — Não tenho nem uma sombra do cabelo, da pele ou dos olhos dela.

— Não foi isso que eu quis dizer. — A garota, terna e sincera, com cachos caindo sobre a testa, se posicionou ao meu lado e olhou para o meu reflexo. — Veja — ela disse, apontando para os meus olhos. — Não

têm a mesma cor, mas a mesma determinação. E seus lábios têm o mesmo sorriso esperançoso. Sei que a senhorita se parece mais com sua avó, mas dá pra ver sua mãe da cabeça aos pés.

Olhei para mim mesma. Quase entendia o que ela queria dizer. Naquele momento de isolamento tão profundo, me senti um pouco menos sozinha.

— Obrigada. Isso significa muito pra mim.

— Estamos todos rezando por ela, Alteza. Ela é dura na queda.

Dei risada, apesar do meu humor.

— É mesmo.

— Dois minutos! — gritou o diretor de palco. Caminhei até o cenário acarpetado, alisando o vestido e ajeitando o cabelo. O estúdio estava mais frio do que de costume, mesmo sob as luzes, e senti arrepios quando assumi meu posto atrás da tribuna solitária.

Gavril, vestido com um pouco menos de pompa, mas ainda elegante, se aproximou com um sorriso simpático.

— Tem certeza de que quer fazer isso? Posso dar a notícia no seu lugar.

— Obrigada, mas acho que eu mesma preciso fazer isso.

— Tudo bem, então. Como ela está?

— Estava bem quando a visitei uma hora atrás. Os médicos a mantêm sedada para que se recupere, mas ela parece muito abatida. — Fechei os olhos por um instante para me acalmar. — Desculpe. Isso me deixa com

os nervos à flor da pele. Mas pelo menos estou lidando com a situação melhor do que meu pai.

Gavril balançou a cabeça.

— Seria impossível alguém ficar mais abalado do que Maxon. O mundo dele depende totalmente dela desde que se conheceram.

Voltei a pensar na noite anterior, na parede de fotos no quarto deles, e repassei todos os detalhes sobre sua história que eles só tinham revelado para mim há pouco tempo. Eu ainda era incapaz de encontrar qualquer sentido em lutar contra inúmeros obstáculos por amor para, no fim, esse sentimento te deixar tão impotente.

— Você estava lá, Gavril. Participou da Seleção deles — eu disse, engolindo em seco, ainda hesitante. — Isso funciona mesmo? Como?

Ele deu de ombros.

— A sua é a terceira que vejo, e não sei dizer como funciona, como uma loteria pode trazer uma alma gêmea. O que posso dizer é o seguinte: seu avô não era exatamente um homem que eu admirava, mas tratava sua rainha como se ela fosse a pessoa mais importante que já caminhou no planeta. Era ríspido com os outros, mas generoso com ela. Ela extraía o melhor dele, e isso é mais do que posso dizer de... Bom, ele encontrou a mulher certa.

Apertei os olhos, curiosa com o que Gavril omitia. Sabia que meu avô tinha sido um governante rígido, mas, pensando bem, essa era a única

coisa que eu sabia dele. Meu pai não me falava muito dele como marido ou pai, e eu sempre me interessei mais pelas histórias sobre a minha avó.

— Já o seu pai... Acho que ele não fazia a menor ideia do que estava procurando. Para ser honesto, acho que sua mãe também não. Mas ela era o par perfeito para ele em todos os sentidos. Todos enxergaram isso bem antes dos dois.

— Sério? — perguntei. — Eles não sabiam?

Gavril fez uma careta.

— Na verdade, era *ela* que não sabia. — Ele me olhou de maneira incisiva. — Parece que é de família.

— Gavril, você é uma das poucas pessoas para quem posso confessar isso. Não é que eu não saiba o que estou procurando. É que não estava preparada para procurar.

— Ah! Eu imaginava.

— Mas agora estou aqui.

— E por conta própria, receio. Se decidir que vai levar a Seleção adiante, e depois de ontem ninguém vai te culpar se não quiser, só você poderá fazer uma escolha tão importante.

Fiz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Por isso é tão assustador.

— Dez segundos — o diretor de palco avisou.

Gavril deu um tapinha no meu ombro.

— Estou aqui para o que precisar, Alteza.

— Obrigada.

Endireitei os ombros diante da câmera, tentando parecer calma quando a luz ficou vermelha.

— Bom dia, povo de Illéa. Eu, princesa Eadlyn Schreave, estou aqui para tratar dos acontecimentos recentes que se passaram com a família real. Vou começar pela boa notícia — anunciei. Tentei sorrir e até consegui, mas só era capaz de pensar no quanto me sentia abandonada. — Meu amado irmão, príncipe Ahren Schreave, se casou com a princesa Camille de Sauveterre, da França. Embora a ocasião do casamento tenha sido uma surpresa, isso de maneira nenhuma diminui nossa alegria pelo casal. Espero que vocês se juntem a mim para desejar aos dois o mais feliz dos matrimônios.

Fiz uma pausa. *Você consegue, Eadlyn.*

— Agora, uma notícia mais triste. Na noite passada, minha mãe, America Schreave, rainha de Illéa, sofreu um grave ataque cardíaco.

Fiz outra pausa. As palavras pareciam ter erguido uma muralha na minha garganta, dificultando a fala.

— Ela está em estado crítico, sob supervisão constante dos médicos. Por favor, rez... — Levei a mão à boca. Eu ia chorar. Ia perder o controle em rede nacional. Depois de tudo que Ahren tinha dito a respeito do que as pessoas achavam de mim, demonstrar fraqueza era a última coisa de que eu precisava.

Baixei os olhos. Minha mãe precisava de mim. Meu pai precisava de mim. Talvez, de alguma pequena maneira, até o país precisasse de mim. Eu não podia desapontá-los. Sequei as lágrimas e continuei:

— Por favor, rezem por sua rápida recuperação, já que todos nós a adoramos e ainda dependemos de sua orientação.

Respirei. Era a única forma de continuar, um momento depois do outro. Inspirar, expirar.

— Minha mãe sempre teve um grande apreço pela Seleção, que, como todos vocês sabem, resultou no casamento longo e feliz dos meus pais. Assim, decidi honrar o que acredito ser um de seus desejos mais profundos e continuar minha Seleção. Devido ao desgaste que se abateu sobre nosso lar nas últimas vinte e quatro horas, considereei que seria sábio reduzir meus pretendentes à Elite. Meu pai reduziu suas opções de dez para seis devido a circunstâncias justificáveis, e eu faço o mesmo. Os seis cavalheiros a seguir são convidados a permanecer na Seleção: sr. Gunner Croft, sr. Kile Woodwork, sr. Ean Cabel, sr. Hale Garner, sr. Fox Wesley e sr. Henri Jaakoppi.

Esses nomes acabaram sendo estranhamente reconfortantes para mim, como se eu soubesse o quanto os rapazes haviam ficado orgulhosos daquele momento e pudesse sentir o calor da sua reação, mesmo à distância.

Eu estava quase no fim. O povo sabia que Ahren havia partido, que minha mãe podia morrer e que a Seleção seguiria em frente. Agora era a

vez da notícia que eu mais temia dar. Graças à carta de Ahren, eu havia compreendido exatamente o que as pessoas pensavam de mim. Que tipo de reação eu receberia?

— Devido ao estado tão delicado da minha mãe, meu pai, o rei Maxon Schreave, optou por permanecer ao lado dela. — *Lá vai.* — Por isso, ele me nomeou regente até se sentir apto a reassumir seu posto. Tomarei todas as decisões de governo até segunda ordem. É com pesar que assumo este papel, mas muito me alegra poder proporcionar alguma paz aos meus pais. Traremos mais informações sobre esses assuntos à medida que surgirem. Obrigada pela atenção e tenham um bom dia.

As câmeras pararam de filmar. Me afastei um pouco do palco e sentei numa das cadeiras geralmente reservadas à minha família. Sentia meu estômago embrulhado e poderia ficar sentada ali por horas tentando me recompor se fosse possível, mas havia coisas demais a fazer. A primeira delas era conferir de novo como estavam minha mãe e meu pai, e logo depois começar a trabalhar. Em algum momento do dia ainda precisaria me encontrar com a Elite.

Parei assim que saí do estúdio porque meu caminho estava bloqueado por uma fila de cavalheiros. O primeiro rosto que vi foi o de Hale. Sua expressão se iluminou quando ele me estendeu uma flor.

— Para você.

Corri os olhos pela fila e vi que todos tinham flores nas mãos, algumas ainda com as raízes. Provavelmente, depois de ouvir os nomes no

pronunciamento, eles correram até o jardim e então seguiram para o estúdio no andar de baixo.

— Seus bobos. — Suspirei. — Obrigada.

Tomei a flor de Hale e o abracei.

— Sei que tinha prometido uma coisa por dia — ele sussurrou —, mas me avise se precisar de duas, certo?

Abracei-o um pouco mais forte.

Ean era o próximo e, embora só tivéssemos nos tocado uma vez, durante o ensaio fotográfico do nosso encontro, era impossível não abraçá-lo.

— Tenho a sensação de que você foi forçado a isso — murmurei.

— Peguei minha flor num vaso do corredor. Não me denuncie para os seguranças.

Bati de leve nas costas dele, e ele fez o mesmo comigo.

— Ela vai ficar bem — Ean garantiu. — Todos vocês vão.

Kile tinha espetado o dedo num espinho e tentava, desajeitado, manter a mão que sangrava longe da minha roupa durante nosso abraço, o que me fez rir e foi ótimo.

— Para sorrir — disse Henri ao acrescentar sua flor ao meu desordenado buquê.

— Bom, bom — respondi, e ele riu de mim.

Até Erik tinha me trazido uma flor. Abri um sorriso brincalhão ao recebê-la.

— Isso é um dente-de-leão — disse a ele.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. Alguns veem uma erva daninha, outros veem uma flor. É uma questão de perspectiva.

Abracei-o também, e pude perceber que ele olhava para os outros enquanto isso. Parecia constrangido por receber o mesmo tratamento que os Selecionados.

Gunner engoliu em seco, incapaz de dizer muita coisa, mas me deu um abraço carinhoso antes que eu prosseguisse.

Fox veio com três flores na mão:

— Não consegui escolher.

Abri um sorriso.

— São todas lindas. Obrigada.

Ele me apertou com força, como se precisasse mais de apoio do que os outros. Enquanto o abraçava, olhei mais uma vez para a minha Elite.

Não, aquele processo inteiro não fazia sentido, mas eu conseguia entender como tinha acontecido, como o coração podia ser arrebatado naquela aventura. E naquele momento era esta minha esperança: que de algum jeito dever e amor se tornassem uma coisa só e eu me descobrisse feliz no meio da Seleção.



AS MÃOS DA MINHA MÃE ESTAVAM TÃO SUAVES, quase de papel. A sensação me fez pensar em como a água lapidava as arestas de uma pedra. Sorri, pensando em como ela devia ter sido uma pedra bem áspera em outros tempos.

— Você costumava errar? — perguntei. — Dizer as palavras erradas, fazer as coisas erradas?

Esprei uma resposta, mas não recebi nada além do chiado do equipamento e das batidas do monitor.

— Bom, você e o papai costumavam brigar, então deve ter errado algumas vezes.

Apertei a mão dela com mais força, na tentativa de esquentá-la com a minha.

— Fiz todos os anúncios. Agora todo mundo sabe do casamento de Ahren e que você está meio... indisposta no momento. Cortei os rapazes para seis. Sei que foi um corte grande, mas o papai disse que tudo bem e que também fez isso na vez dele, então ninguém pode reclamar. — Suspirei. — Não importa. Tenho a sensação de que as pessoas ainda vão dar um jeito de reclamar de mim.

Pisquei para não chorar, preocupada com a possibilidade de ela sentir o quão amedrontada eu estava. Os médicos acreditavam que o choque pela partida de Ahren havia desencadeado o estado atual dela, mas eu não conseguia deixar de pensar que talvez eu mesma tivesse contribuído para seu desgaste no dia a dia, como pequenas gotas de veneno que a pessoa só percebe que ingeriu depois de se intoxicar.

— Em todo caso, vou para a sala de reuniões presidir minha primeira reunião com o conselho assim que o papai voltar. Ele diz que não vai ser tão difícil. Para ser sincera, acho que o general Leger teve o trabalho mais

difícil de todos hoje, tentando fazê-lo comer, porque ele teimou muito em ficar aqui com você. O general insistiu, porém, e o papai enfim cedeu. Fico feliz por tê-lo aqui. O general Leger, quero dizer. É como ter um pai reserva.

Segurei a mão dela um pouco mais forte e me inclinei para sussurrar:

— Mas, por favor, não me faça precisar de nenhum outro parente, certo? Ainda preciso de você. Os meninos ainda precisam de você. E o papai... acho que ele pode desmoronar se você partir. Então, quando for a hora de acordar, você precisa voltar, tudo bem?

Esperei por uma contração na boca, por um movimento dos dedos, qualquer coisa que demonstrasse que ela podia me ouvir. Nada.

Bem nesse momento meu pai escancarou as portas, com o general Leger logo atrás. Sequei as bochechas na esperança de que ninguém notasse.

— Viu? — frisou o general Leger. — Ela continua estável. Os médicos teriam vindo correndo se algo tivesse mudado.

— Mesmo assim, prefiro ficar aqui — meu pai disse, decidido.

— Pai, você não ficou longe nem dez minutos. Chegou a comer?

— Comi. Conte a ela, Aspen.

O general Leger soltou um suspiro.

— Vamos fingir que ele comeu.

Meu pai lançou um olhar na direção dele que, para alguns, poderia parecer ameaçador, mas apenas fez o general sorrir.

— Vou ver se consigo contrabandear um pouco de comida para cá. Assim você não precisa sair.

Meu pai concordou com a cabeça e disse:

— Cuide da minha menina.

— Claro. — O general Leger piscou para mim. Levantei e o acompanhei para fora do quarto, dando uma última olhada na minha mãe só pra garantir.

Ela ainda dormia.

No corredor, o general estendeu o braço para mim.

— Está pronta, minha quase rainha?

Tomei o braço dele e sorri.

— Não. Vamos.

Avançamos rumo à sala de reuniões, e quase pedi ao general Leger para dar mais uma voltinha pelo andar. O dia estava tão intenso que eu já duvidava da minha capacidade de encarar os conselheiros.

Besteira, disse a mim mesma. Você já participou dessas reuniões milhares de vezes. Quase sempre pensava as mesmas coisas que seu pai acabava dizendo. Sim, é a primeira vez que vai chefiar a reunião, mas esse momento sempre esteve à sua espera. E ninguém vai pegar pesado com você hoje. Sua mãe acabou de ter um ataque cardíaco.

Abri a porta, determinada, e o general Leger veio logo atrás. Fiz questão de cumprimentar os cavalheiros à medida que passava por eles. O ministro Andrews, o ministro Coddly, o sr. Rasmus e um punhado de

outros homens que eu conhecia havia anos estavam sentados, ajeitando papel e caneta. A srta. Brice parecia orgulhosa de me ver avançar até o lugar do meu pai, assim como o general quando sentou ao lado dela.

— Bom dia — eu disse enquanto tomava a cadeira à cabeceira da mesa, baixando os olhos para a pasta fina diante de mim. Ainda bem que a pauta do dia parecia leve.

— Como está sua mãe? — a srta. Brice perguntou, solene.

Eu devia ter feito um cartaz para não ter mais que repetir.

— Dormindo ainda. Não tenho certeza da gravidade do estado dela no momento, mas meu pai está ao seu lado, e vamos avisar quando houver alguma mudança.

A srta. Brice abriu um sorriso triste.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Sempre foi dura na queda.

Tentei esconder a surpresa, mas não fazia ideia de que a srta. Brice conhecia minha mãe tão bem. Na verdade, eu mesma não conhecia muito a srta. Brice, mas ela pareceu tão sincera que fiquei feliz de tê-la ao meu lado naquele momento.

Concordei com a cabeça e emendei:

— Vamos resolver isso logo para eu poder contar a ela que meu primeiro dia no cargo foi ao menos um pouco produtivo.

As risadas criaram um suave burburinho na sala, mas meu sorriso se desfez assim que li a primeira página que me foi apresentada.

— Espero que seja piada — eu disse, seca.

— Não, Alteza.

Voltei os olhos para o ministro Coddly.

— Acreditamos que se trata de uma ação deliberada para enfraquecer Illéa, e visto que nem o rei nem a rainha deram consentimento, a França basicamente raptou seu irmão. Esse casamento é uma traição, portanto não nos resta escolha senão a guerra.

— Senhor, posso lhe garantir que não é traição. Camille é uma garota sensata — eu disse com a cara fechada, odiando ter que reconhecer aquilo. — Ahren é o romântico, e tenho certeza de que foi ele que a apressou, não o contrário.

Fiz uma bolinha de papel com a declaração de guerra, sem vontade de pensar naquilo por mais um segundo que fosse.

— Alteza, a senhorita não pode fazer isso — insistiu o ministro Andrews. — Faz anos que as relações entre Illéa e a França são tensas.

— O que aconteceu tem mais a ver com o âmbito privado do que político — interveio a srta. Brice.

O ministro Coddly gesticulou, enfático.

— O que torna tudo ainda pior, porque significa que a rainha Daphne está se aproveitando de uma situação delicada para causar ainda mais sofrimento à família real. Desta vez, somos obrigados a fazer algo. Diga a ela, general!

A srta. Brice balançava a cabeça, frustrada, quando o general Leger falou:

— Tudo o que direi, Alteza, é que podemos acionar tropas aéreas e terrestres em vinte e quatro horas, se você ordenar. Embora eu certamente não a *aconselhe* a dar essa ordem.

Andrews bufou.

— Leger, diga a ela o perigo que está enfrentando.

O general deu de ombros.

— Não vejo perigo nenhum aqui. O irmão dela se casou.

— Aliás — questionei —, um casamento deveria aproximar os países, não? Não era por isso que, por tantos anos, princesas se casavam com herdeiros estrangeiros?

— Mas eram casamentos planejados — Coddly afirmou num tom que dava a entender que eu era ingênua demais para aquela discussão.

— Como este — repliquei. — Todos sabíamos que Ahren e Camille se casariam um dia. Só aconteceu antes do esperado.

— Ela não compreende — Coddly murmurou para Andrews.

O ministro Andrews balançou a cabeça para mim.

— Alteza, isso é uma traição.

— Ministro, isso é amor.

Coddly deu um soco na mesa.

— Ninguém vai levar a senhorita a sério se não for firme.

Houve um instante de silêncio assim que a voz dele parou de ecoar pela sala, e a mesa inteira permaneceu imóvel.

— Pois bem — respondi calmamente. — Você está demitido.

Coddly riu, olhando para os outros cavalheiros à mesa.

— Não pode me demitir, Alteza.

Inclinei a cabeça para o lado, com os olhos fixos nele.

— Garanto que posso. Não há ninguém acima de mim na hierarquia neste momento, e será fácil substituí-lo.

Embora tentasse ser discreta, a srta. Brice apertou bem os lábios tentando não rir. Sim, ela com certeza era minha aliada.

— A senhorita precisa lutar! — ele insistiu.

— Não — respondi firme. — Uma guerra apenas traria mais desgaste num momento já tenso para o país, além de causar uma ruptura nas relações entre Illéa e o país a que agora estamos ligados por um casamento. Não vamos lutar.

Coddly baixou o queixo e apertou os olhos.

— Não acha que está sendo muito sentimental nesta questão, Alteza?

Levantei, fazendo a cadeira chiar.

— Vou fingir que você não quer dar a entender com essa pergunta que, na verdade, estou sendo *feminina* demais nesta questão. Porque, sim, estou sendo sentimental.

A passos largos, fui até o outro lado da mesa com os olhos cravados em Coddly.

— Minha mãe está num leito de hospital com tubos enfiados goela abaixo, meu irmão gêmeo está em outro continente e meu pai mal se mantém de pé. — Parei bem diante dele. — Tenho dois irmãos mais

novos para cuidar e acalmar depois de tudo o que aconteceu, um país para governar e seis garotos no andar de baixo à espera de que eu ofereça minha mão a um deles. — Coddly engoliu em seco, e senti uma minúscula ponta de culpa pela satisfação que isso me proporcionou. — Então sim, estou sendo sentimental agora. Qualquer pessoa que tivesse alma, nestas condições, também seria. E o senhor, ministro, é um idiota. Como ousa tentar impor uma situação tão monumental por causa de algo tão pequeno? Para todos os efeitos, eu sou a rainha, e você não vai me coagir a nada.

Caminhei de volta à cabeceira da mesa.

— General Leger?

— Sim, Alteza?

— Há algo nesta pauta que não possa esperar até amanhã?

— Não, Alteza.

— Ótimo. Estão todos dispensados. E sugiro que todos lembrem quem está no comando na próxima vez que nos encontrarmos.

Assim que parei de falar, todos exceto a srta. Brice e o general Leger se levantaram e se curvaram — aliás, se curvaram bastante, percebi.

— A senhorita foi maravilhosa, Alteza — a srta. Brice disse assim que nós três ficamos a sós.

— Fui? Veja só a minha mão — disse, mostrando a ela.

— Está tremendo.

Cerrei o punho, decidida a parar de tremer.

— Tudo o que eu disse estava certo, né? Eles não podem me forçar a assinar uma declaração de guerra, podem?

— Não — o general Leger assegurou. — Como você sabe, sempre houve neste conselho membros que acham que deveríamos invadir a Europa. Acho que viram esta situação como uma oportunidade para tirar proveito da sua pouca experiência, mas você fez tudo certo.

— Meu pai não declararia uma guerra. A paz sempre foi uma marca de seu reinado.

— Exato — o general confirmou com um sorriso. — Ele ficaria orgulhoso da maneira como você defendeu sua posição. Na verdade, acho que vou lá contar para ele.

— Será que eu também deveria ir? — perguntei, de repente louca para ouvir o pequeno monitor confirmar que o coração da minha mãe ainda estava lá, tentando.

— Você tem um país para governar. Traço notícias assim que puder.

— Obrigada — respondi enquanto ele deixava a sala.

A srta. Brice cruzou os braços sobre a mesa.

— Está se sentindo melhor?

Fiz que não com a cabeça.

— Eu sabia que esta função seria difícil. Já tinha ajudado um pouco e visto meu pai trabalhar dez vezes mais. Mas eu achava que teria mais tempo para me preparar. Assumir o cargo agora, porque minha mãe pode

morrer, é pesado demais. E, depois de cinco minutos como a responsável pelo país, tive que decidir sobre uma guerra? Não estou pronta para isso.

— Muito bem, primeiro o mais importante. A senhorita não precisa ser perfeita ainda. Esta situação é temporária. Sua mãe vai melhorar, seu pai vai voltar ao trabalho e você vai retomar o aprendizado com uma grande experiência na bagagem. Pense neste período como uma oportunidade.

Respirei fundo. Temporário. Oportunidade. Tudo bem.

— Além disso, a senhorita não precisa tomar todas as decisões sozinha. É para isso que servem os conselheiros. Concordo que eles não foram muito úteis hoje, mas estamos aqui para que a senhorita não se sinta sem rumo.

Mordi o lábio, pensativa.

— Certo. Então o que faremos agora?

— Em primeiro lugar, mantenha-se firme e despeça Coddly. Isso vai mostrar aos outros que a senhorita cumpre a palavra. Devo admitir que me sinto meio mal por ele, mas acho que seu pai apenas o mantinha por perto para ter uma espécie de advogado do diabo, que ajuda a avaliar todos os aspectos de uma questão. Confie em mim, Coddly não deixará muitas saudades — Brice reconheceu secamente. — Em segundo lugar, considere este momento um período de aulas práticas para o seu reinado. Comece a se cercar de pessoas em quem sabe que pode confiar.

Suspirei.

— Tenho a sensação de que todos em quem confio me deixaram.

Ela fez que não com a cabeça.

— Observe melhor. Provavelmente a senhorita tem amigos em lugares que jamais esperaria.

De novo, passei a enxergar a srta. Brice sob uma nova luz. Ela tinha permanecido no cargo por mais tempo do que qualquer outra pessoa, sabia como meu pai tomava decisões e era pelo menos mais uma mulher na sala.

Ela me encarou, insistindo para que eu me concentrasse.

— Quem a senhorita tem certeza de que será sempre sincero? Quem vai estar ao seu lado não porque a senhorita é da realeza, mas porque é quem você é?

Sorri, certa de onde iria assim que deixasse a sala de reuniões.



— EU?

— Você.

— Tem certeza?

Agarrei Neena pelos ombros.

— Você sempre me diz a verdade, mesmo quando não estou muito a fim de ouvir. Você atura o que eu tenho de pior e é muito inteligente para passar os dias dobrando minhas roupas.

Radiante, ela piscava para conter as lágrimas.

— Uma dama de companhia... O que isso quer dizer?

— Bom, é uma mistura que inclui fazer companhia, o que você já faz, e me ajudar com o lado menos glamoroso da minha função, como agendar compromissos e garantir que eu me lembre de comer.

— Acho que posso dar conta — ela disse com um sorriso.

— Ah, ah, ah — acrescentei, erguendo as mãos para prepará-la para a parte mais empolgante do emprego. — Você também não vai mais precisar usar esse uniforme. Então, vá se trocar.

Neena riu.

— Não sei se tenho um traje adequado para isso. Mas vou arrumar algo para amanhã.

— Besteira. Escolha alguma coisa no meu closet.

Ela me encarou boquiaberta.

— Não posso.

— Humm, pode e deve. — Apontei para as portas amplas do closet.

— Vista-se, me encontre no escritório e vamos resolver tudo o que aparecer, um dia de cada vez.

Ela fez que sim com a cabeça, como se já tivéssemos passado por aquilo mil vezes, e me deu um abraço.

— Obrigada.

— Eu é que agradeço — insisti.

— Não vou desapontar a senhorita.

Me afastei, observando-a.

— Eu sei. A propósito, sua primeira tarefa é escolher uma nova criada para mim.

— Sem problemas.

— Ótimo. Até daqui a pouco.

Saí do quarto me sentindo melhor por saber que tinha pessoas ao meu lado. O general Leger seria a ponte para meus pais, a srta. Brice assumiria como minha conselheira-chefe, e Neena me ajudaria a encarar a carga de trabalho.

Menos de um dia havia se passado, e eu já compreendia por que minha mãe achava que eu precisava de um parceiro. E eu ainda tinha intenção de encontrar um. Só precisava de um pouquinho de tempo para descobrir como.

Naquela tarde, fiquei andando de um lado para o outro do lado de fora do Salão dos Homens, preocupada, enquanto esperava Kile. De todos os meus relacionamentos com os Selecionados, o nosso parecia ser o mais complicado e, ainda assim, aquele por onde seria mais fácil começar.

— Ei — ele disse, vindo me abraçar. Não consegui conter o sorriso ao pensar que, se ele tivesse tentado isso um mês antes, eu teria chamado todos os guardas para cima dele. — Como você está?

Fiz uma pausa antes de responder.

— Engraçado... Você foi o único que perguntou isso — eu disse, e então nos soltamos. — Estou bem, acho. Vou continuar assim enquanto me mantiver ocupada, pelo menos. Assim que as coisas desacelerarem, vou ficar uma pilha de nervos. Meu pai está um desastre. E me dói muito que Ahren não tenha voltado. Pensei que ele voltaria pela nossa mãe, mas nem chegou a ligar. Ele não devia ter feito pelo menos isso?

Engoli em seco, consciente de que estava me precipitando.

Kile tomou minha mão.

— Pois bem, vamos pensar sobre isso. Ele fugiu para a França e se casou no mesmo dia. Deve haver uma tonelada de papéis oficiais e outras coisas para resolver. E existe a possibilidade de ele nem saber o que aconteceu ainda.

Concordei.

— Você tem razão. Eu sei que ele se importa. Ele me deixou uma carta, sincera demais para eu me dar o direito de questionar isso.

— Viu só? E ontem seu pai parecia prestes a ser encaminhado para a ala hospitalar também. Ficar com a sua mãe e monitorar o estado dela talvez dê a ele uma sensação de controle quando não é possível controlar

nada. Ela já passou pelo pior e sempre foi guerreira. Lembra quando aquele embaixador veio aqui?

Abri um sorrisinho.

— Aquele da União Paraguai-Argentina?

— Esse! — ele exclamou. — Ainda lembro de tudo perfeitamente. Grossoiro com todo mundo, caindo de bêbado já ao meio-dia por dois dias seguidos, até sua mãe agarrá-lo pela orelha e arrastá-lo para fora do palácio.

Balancei a cabeça.

— Lembro muito bem. Também lembro dos telefonemas intermináveis para tentar amenizar as consequências com o presidente.

Kile nem ligou para esse detalhe.

— Esqueça isso. Apenas lembre que a sua mãe não deixa nada derrubá-la. Quando alguma coisa tenta atrapalhar a vida dela, ela arrasta o incômodo porta afora.

Abri um sorriso.

— Verdade.

Permanecemos ali, calados, por um instante calmo e agradável. Nunca tinha me sentido tão grata.

— Vou ficar ocupada até o fim do dia, mas será que podemos passar um tempo juntos amanhã à noite?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Claro.

— Temos muita coisa para conversar.

— Tipo o quê? — ele perguntou, franzindo a testa.

Nos viramos ao mesmo tempo ao notar a figura que se aproximava.

— Com licença, Alteza — o guarda disse, fazendo uma reverência. —

Tem uma visita para a senhorita.

— Uma visita?

Ele confirmou com a cabeça e não me deu qualquer informação sobre quem poderia ser.

— Sem problemas. Falo com você mais tarde, tá?

Kile apertou de leve a minha mão.

— Claro. Me avise se precisar de alguma coisa.

Sorri ao deixá-lo, certa de que ele tinha sido sincero. No fundo, eu tinha a convicção de que todos os caras daquela sala correriam para me ajudar se eu precisasse, o que era um pequeno alívio num dia lamentável.

Contornei as escadas, ainda tentando adivinhar quem tinha chegado ao palácio. Se fosse da família, teria sido levado a um quarto; se fosse um governador ou outro visitante oficial, teria enviado um cartão. Quem era tão importante que não podia sequer ser anunciado?

Quando cheguei ao primeiro andar, encontrei a resposta da minha pergunta bem ali, com um sorriso iluminado que me fez prender a respiração.

Fazia anos que Marid Illéa não botava os pés no palácio. Na última vez que o vira, ele era um pré-adolescente desengonçado que ainda não

tinha dominado a arte de conversar normalmente. Mas suas bochechas redondas tinham se transformado num maxilar quadrado, e seus braços e pernas magrelos tinham se fortalecido, preenchendo seu terno de maneira impecável. Ele manteve os olhos nos meus enquanto eu me aproximava e, embora carregasse um cesto abarrotado de coisas, se curvou e sorriu com total desembaraço.

— Alteza — ele disse —, sinto muito ter vindo sem avisar, mas assim que soubemos do estado de saúde da sua mãe, sentimos que precisávamos fazer algo. Então...

Ele estendeu o cesto para mim. Estava cheio de presentes. Flores, livros, potes de sopa com fita na tampa e até pães e bolos que pareciam tão bons que foi difícil não pegar um na hora.

— Marid — falei, cumprimentando, indagando e censurando ao mesmo tempo. — Não precisava, considerando tudo o que aconteceu.

Ele deu de ombros:

— Discordâncias não implicam falta de compaixão. Nossa rainha está doente, e isto é o mínimo que podemos fazer.

Sorri, comovida com a aparição repentina. Chamei um guarda.

— Leve isto para a ala hospitalar, por favor.

Ele levou o cesto de presentes, e eu me concentrei novamente em Marid.

— Seus pais não quiseram vir?

Ele enfiou as mãos no bolso e forçou um sorriso.

— Tiveram receio de que a visita parecesse mais política do que pessoal.

Concordei.

— Justo. Mas, por favor, diga a eles para não se preocuparem com isso no futuro. Eles ainda são bem-vindos aqui.

Marid suspirou.

— Eles não acreditavam nisso. Não depois que... saíram.

Apertei os lábios, recordando tudo claramente.

August Illéa e meu pai tinham trabalhado lado a lado depois que meus avós faleceram, a fim de dissolver as castas o mais rápido possível. Quando August reclamou que a mudança não estava sendo rápida o bastante, meu pai se valeu de seu poder e exigiu que August respeitasse seu plano. Como meu pai não conseguiu acabar definitivamente com o estigma dos que tinham sido de castas inferiores, August disse a ele para levantar a bunda mimada do trono e ir para as ruas. Meu pai sempre fora um homem paciente, e August, pelo que me lembrava, estava sempre no limite. No fim, aconteceu uma briga muito feia entre os dois, e August e Georgia juntaram suas coisas, inclusive o filho introvertido, e partiram como um furacão de mágoa e raiva.

Desde então, eu tinha ouvido a voz de Marid uma ou duas vezes no rádio, comentando política ou dando dicas de negócios. Mas vê-lo ali, diante de mim, era muito estranho: a voz agora em sincronia com o

movimento dos lábios, e um sorriso tão fácil que destoava da minha lembrança de um adolescente sempre quieto e encurvado.

— Para ser sincera, não entendo por que nossos pais não têm conversado ultimamente. Você com certeza sabe dos problemas de discriminação pós-casta que estamos tentando reprimir. Pensei que um dos dois acabaria cedendo e procurando o outro. Já não deveria mais ser uma questão de orgulho.

Marid me ofereceu o braço.

— Talvez pudéssemos caminhar e conversar?

Passei meu braço pelo dele e seguimos pelo corredor.

— Como estão as coisas?

Dei de ombros.

— O melhor possível dentro das circunstâncias.

— Gostaria de te dizer para ver o lado positivo, mas talvez seja difícil encontrar um.

— Até agora, tudo o que eu consigo pensar é que estou ajudando meus pais.

— Verdade. E quem sabe? De repente você pode fazer mudanças importantes enquanto está nessa posição. Como todas as questões pós-castas. Nossos pais não conseguiram resolvê-las, mas talvez você consiga.

Aquela ideia me reconfortou menos do que ele pretendia. Eu não esperava ficar no controle do país tempo suficiente para fazer mudança nenhuma.

— Não tenho muita certeza de que sou capaz de fazer isso.

— Bem, Alteza...

— Por favor, Marid. É Eadlyn. Você me conhece desde antes de eu nascer.

Ele sorriu.

— É verdade. Ainda assim, você é a regente agora, e me parece errado não lhe tratar da maneira apropriada.

— E do que eu deveria chamar você?

— De nada além de um súdito leal. Eu gostaria de oferecer qualquer ajuda neste momento difícil. Sei que a dissolução das castas não foi tão ordenada como vocês esperavam, mesmo no começo. Passei anos ouvindo os anseios do público e acho que conheço bem suas demandas. Se julgar que essas informações podem ser úteis, é só dizer.

Arqueei as sobrancelhas e refleti sobre o que ele tinha dito. Eu tinha aprendido muito sobre a vida das pessoas comuns com os Seleccionados, mas um especialista em opinião pública poderia ser perfeito para o meu arsenal. Mesmo que eu não tivesse grandes ambições para meu curto período no trono, algo desse tipo poderia mostrar para as pessoas que eu me importava, e isso era importantíssimo. Principalmente se eu levasse em conta o que Ahren escrevera naquela carta.

Eu sentia como se tivesse levado um soco toda vez que lembrava das palavras dele, mas sei que meu irmão não teria me dito que o povo me

desprezava se não achasse que era importante eu saber. Ainda que ele tivesse ido embora, eu acreditava nisso.

— Obrigada, Marid. Seria uma bênção se eu conseguisse fazer qualquer coisa para amenizar o desgaste que essa situação gerou para o meu pai. Quando ele voltar ao trabalho, quero que o país esteja com a maior tranquilidade dos últimos anos. Vamos manter contato.

Ele pegou um cartão do bolso e me entregou.

— Este é o meu telefone particular. Ligue quando quiser.

Sorri.

— Seus pais não vão achar ruim? Você não está ajudando o inimigo?

— Não, não — ele disse em tom de voz leve. — Nossos pais tinham a mesma meta. Os métodos para alcançá-la é que eram diferentes. E agora, como sua mãe não está bem, você não deveria se preocupar com coisas que têm solução, e o moral do país com certeza é uma delas. Agora, mais do que nunca, acho que nossos pais vão aprovar nosso trabalho em conjunto.

— Espero que sim — eu disse. — Muitas coisas desmoronaram ultimamente. Recuperar algumas me faria bem.



Dustin Cohen

KIERA CASS nasceu em 1981, na Carolina do Sul, Estados Unidos. Formou-se em história na Universidade de Radford, na Virginia, e atualmente mora em Christiansburg. Além da série *A Seleção*, também é autora de *A sereia*. Beijou aproximadamente catorze garotos em sua vida, mas nenhum deles era um príncipe.

Mais informações:

www.kieracass.com

[@kieracass](https://www.instagram.com/kieracass)

www.facebook.com/kieracass

www.facebook.com/theselection

www.youtube.com/user/kieracass

www.pinterest.com/kieracass

Copyright © 2016 by Kiera Cass

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Crown

CAPA Erin Fitzsimmons

© 2016 by Gustavo Marx/ Merge Left Reps, Inc.

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

ISBN 978-85-438-0582-5

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

